

Mais vítimas da Corretora Casablanca

Max Torres Drumond, o diretor da Corretora de Imóveis Casablanca, que deu um estouro na praça em mais de 800 mil cruzeiros continua sendo ouvido na Delegacia de Falsificações e Defraudações. A prisão preventiva, pedida pelo delegado Weber Américo, ainda não foi decretada e mais vítimas continuam aparecendo, na delegacia.

Ontem, foi a vez de Maura Pereira Campos, da avenida Augusto de Lima, 1.030. Ela recebeu um cheque sem fundos no valor de 30 mil cruzeiros. Na parte final do segundo depoimento de Max, ele alega que esqueceu o cofre do escritório aberto, oportunidade em que ficou sem 300 mil cruzeiros, que estavam dentro. Segundo ele, este foi o motivo pelo qual precisou receber de um cliente e passar para outro, até perder completamente o controle dos negócios. As oito vítimas que já registraram queixa, na Delegacia de Falsificações e Defraudações, estão reclamando uma quantia superior a 300 mil cruzeiros. Max está livre por habeas-corpus. Alguns funcionários da Casablanca estiveram na Falsificações ontem à tarde, e queriam saber como deviam agir para receber seus salários. Um deles disse que eram 13 mil cruzeiros e que achava que o "melhor seria entregar o dinheiro para as almas".

Como está a matança no trânsito

Os desastres de trânsito mataram 34 pessoas, 11 num só acidente — no fim de semana, segundo estatísticas da polícia encarregada da fiscalização do trânsito nas rodovias e em Belo Horizonte.

O desastre mais grave foi no domingo de sábado, com o ônibus da Viação Itapemirim, CZ-0153, dirigido por Filadelfo Braga, no quilômetro 919 da BR-116 (Rio-Bahia), e 23 ficaram entre as pessoas e 25 ficaram muito feridas.

Foi uma batida entre o ônibus da Itapemirim e o caminhão Chevrolet GO-219, dirigido por Nadir Alves de Araújo, de Belo Horizonte. O acidente foi às 20h de sábado, mas somente ontem, a notícia foi recebida pelo Serviço de Rádio, da Patrulha Rodoviária Federal, dizendo que os dois motoristas morreram no instante. Os outros mortos identificados são Manoel Messias dos Santos, João Vital e Antônio Roberto da Silva. Os passageiros, que não levaram documentos, não foram identificados imediatamente pela Patrulha Rodoviária Federal.

Os feridos levados para o hospital de Medina são Fernando Oliveira Santos, José Carvalho, José Targino, que estão em estado grave. Com ferimentos leves, estão Manoel Araújo, José Antônio Nascimento, Severino Antônio da Silva, José Cândido da Silva, Evangelista Leandro Oliveira, Antônio Cordeiro da Cruz, Floriano Borogosa da Silva, João Paulino Neto, Fernando Manoel Nunes, João Alves da Costa, José Alves da Costa, Francisco do Carmo, Geraldo Nogueira da Silva, Severino Amaro da Silva, Antônio Olinto Vicente, José Luis da Silva, Antônio Cândido de Oliveira, Maria Bernadete Sorogosa, Maria Ferreira da Costa e Maria José da Silva. São ainda desconhecidas as causas do desastre.

Perto de Mariana, no quilômetro 111 da MO-36, o taxi CA-273, dirigido pelo detetive Camilo Castro Branco, caiu numa ribanceira matando três filhos do policial. Os mortos foram identificados como Silvana Lovic Castelo Branco (13 anos), Rubia Lovic Castelo Branco (7 anos) e Ricardo Lovic Castelo Branco (4 anos). Ficaram feridos o detetive e sua mulher Herlinda Lovic Castelo Branco.

No quilômetro 12 da BR-381, a carreta Alfa Romeo PH-6022, dirigida por motorista não identificado, bateu contra o Mawerick GL-3152, dirigido por Carlos José Peres Teixeira (34 anos, solteiro) e a Rural AI-1552, dirigida por Salvador Dimas dos Reis (casado, 38 anos, rua Abreu, 406). Morreram o motorista da Rural e seu companheiro Salvador Tomas dos Reis e Sebastião José de Freitas. Ficaram feridos Sebastião de Freitas (casado, 42 anos) e José Párcies Correia (39 anos, solteiro), socorridos em Betim.

Na BR-202, perto dos Gorduras, o Dodge Dart FR-4101, dirigido por Rogério Castro Aguiar, atropelou e matou Domingos dos Santos (32 anos). No quilômetro 424 da BR-116 um carro não identificado atropelou e matou Joaquim Romão Barbosa Castro (76 anos, casado, de Caratinga). O caminho dirigido por Dênis de Souza (23 anos, solteiro), funcionário da Prefeitura de Barão de Cocais, capotou no quilômetro 74 da BR-262, ferindo o motorista do caminho e ainda Vicente Damásio, Joaquim da Cruz Silva, Balduino Estêvão Drummond e José Augusto dos Santos.

Morreram, ainda no fim de semana, feridos em acidentes de trânsito, Aberto Jorge (50 anos, casado), Odete Ferreira Aguiar (58 anos, viúva, rua Castro de Souza, 188), que morreu no Pronto Socorro; Mário Lúcio Soares Oliveira (cinco meses), que estava num taxi, quando o carro foi batido por um ônibus, na rua da Bahia, e Vicentina Teresinha Soares Barreto (30 anos, casa, da rua Abatanga Peixoto, 1.088), que morreu no Hospital Felício Rocha.

Jornalista mata a mulher e morre

Com dois tiros de um revólver Taurus, calibre 22,cano curto e carga dupla, o jornalista Flávio Ferreira da Silva resolveu, na madrugada de ontem — de maneira trágica — os seus problemas conjugais: matou a mulher, Doracy Araújo Ferreira, matando-se em seguida.

O primeiro tiro, na testa, destruiu o rosto de Doracy, uma morena bonita, de 29 anos. O segundo — Flávio encostou o cano da arma um pouco acima de sua orelha esquerda — atravessou a cabeça do jornalista, que ultimamente frequentava centros espíritas e bebia muito, tentando vencer a angústia e o desespero: a mulher queria abandoná-lo e o sogro prometia tomar os três filhos do casal.

Pavor

A pequena Glauy Araña Ferreira, de seis anos, filha mais nova do jornalista (o casal tem três filhos) foi a primeira a acordar, ontem de manhã, no bem mobiliado apartamento n.º 3 da rua Itapemirim, 190, Serra. Eram 6h30m. Do lado de fora, a empregada Iris Ferreira Martins (16 anos), apertava a campainha para iniciar mais um dia de serviço. Glauy abriu a porta e correu para o quarto dos pais, como fazia sempre, para acordá-los. Apertou a maçaneta, empurrou a porta e ficou parada diante da cama, meio abalada.

Com o pavor estampado na face, Glauy começou a chorar baixinho e depois a gritar: a mãe estava deitada de costas, com a cabeça enfiada num travesseiro banhando em sangue. Com a cabeça desfigurada, vestia um baby-doll marrom. O pai estava deitado de lado, com o revólver na mão direita e o rosto também desfigurado pelo tiro. O sangue pingava na colcha e formava uma poça no sinteco dos tapetes. Flávio estava apenas com um calção amarelo.

A empregada Iris também começou a gritar quando entrou no quarto. Saiu correndo e foi ao apartamento ao lado. Chamou o veterinário Fernando Mota, amigo dos seus patrões, que também entrou no quarto, voltou pálido, pediu que afastassem as crianças dali e telefonou para a polícia. As 7h, uma radiopatrulha entrou em disparada na rua Itapemirim, do sentido ordem morava o jornalista. A Central de Operações da Polícia Militar, ao receber o telefonema do veterinário, já havia alertado a Delegacia de Plantão.

A Equipe-2, da Delegacia de Homicídios, chegou em seguida. Com os filhos do casal e a empregada chorando num quarto, assistidos por vizinhos, os detetives Salim Fraiha, Fidélis Rocha e Orlando Nascimento, chefiados pelo inspetor, iniciaram o seu trabalho e chamaram também a Polícia Técnica. O revólver Taurus tinha quatro cápsulas intactas e duas desafiadas. Na mesinha de cabeceira, do lado de Flávio Ferreira, foi encontrada uma pequena caixa com Diampax. Metade dos comprimidos havia sido consumida.

Na mesa da sala — sinal de que o jornalista bebera muito antes de matar a mulher e suicidar-se — estavam seis garrafas de cerveja, uísque, e um copo com bebida pela metade. A toalha estava manchada. Na cozinha foi encontrada mais uma garrafa, também vazia. Quando o perito Mussolini e seus auxiliares terminaram os levantamentos, os corpos de Flávio e de sua mulher foram colocados em macas, cobertos com lençóis brancos e levados ao rebecho do Departamento de Investigações. Foram transportados para o Departamento de Medicina Legal.

O carro com os cadáveres saiu devagar e depois aumentou a velocidade, segundo a pista radiopatrulha da PM. No apartamento, três crianças e a empregada choravam desconsoladas. A última cena de uma convivência tumultuada entre o jornalista e a mulher ficaram gravadas nas fotografias dos peritos do Departamento de Polícia Técnica e na mente da pequena Glauy.

Flávio era conterrâneo de Guimarães Rosa. Como Guimarães, ele era pobre, mas dentro de si crescia uma vontade forte, quase obcecada, de um dia possuir alguma coisa. Pelo menos uma casa. E resolveu fazer como Guimarães. Deixou Cordisburgo, isso há coisa de uns 17 anos, e veio para Belo Horizonte. Sem dinheiro, tratou de arranjar trabalho rápido. E foi parar no Polo Norte, bar-restaurante frequentado pelos mais investidores jornalistas da cidade. Ficou trabalhando ali, distribuindo com generosidade e fartura todo o respeito que sempre sentiu pelos outros, a simpatia que qualquer sujeito lhe inspirava, a delicadeza — era uma mania dele ser delicado, gentil e atencioso com todo mundo. Não havia quem não gostasse do Flávio.

Dois pessoas, especialmente, gostaram muito dele. E, por isso, o trouxeram para o jornalismo. Mauro Santayana e José Maria Rabelo, repórter e chefe de reportagem do "Diário de Minas" na época, convidaram Flávio para ser o arquivista do jornal. O cargo exigia alguns conhecimentos de jornalismo, mas Flávio não vacilou. Para ele, como para todo bom repórter, o desconhecido não é desafio: é um passo à frente.

Do arquivo às velhas Resingtons da redação foi um passo curto para Flávio. Era homem de confiança do pessoal do jornal. Principalmente de Mauro Santayana, que entregou nas mãos de Flávio uma das partes mais importantes daquela sensacional série de reportagens — "Raul Soares, Sucursal do Inferno" — que deu a Mauro o Prêmio Esso de Jornalismo. Era Flávio quem enganava os porteiros do Hospício, enfermeiros, vigilantes e tudo o mais para levar comida decente a Mauro; e, de vez em quando, usar uma marmita vazia para contrabandear até a cela do repórter a indispensável máquina fotográfica, os filmes etc.

Enquanto isso, Flávio observava todo o trabalho do amigo e tirava dele o máximo proveito. Era um repórter nato e as grandes reportagens de Santayana, ele as utilizou como manual e apostila; cartilha que soube usar melhor que qualquer outro.

Mistrou bem a instrução e a técnica ao seu espírito jornalístico, e partiu em frente, como repórter de polícia do "Diário de Minas". Logo de cara mostrou seu valor. Cyro Siqueira, chefe de reportagem do "Diário da Tarde", viu que Flávio era o



Flávio e Doracy nos seus melhores dias

goda choravam desconsoladas. A última cena de uma convivência tumultuada entre o jornalista e a mulher ficaram gravadas nas fotografias dos peritos do Departamento de Polícia Técnica e na mente da pequena Glauy.

A vizinha

A primeira pessoa a prestar declarações à polícia, no local, foi Durvalina Ramos. Vizinha e amiga de Doracy Ferreira, ela disse que o casal vivia "em constantes desentendimentos".

— Flávio era um homem muito en-

to, segundo a mulher. Nos últimos dias, ele estava bebendo muito e frequentando centros espíritas. Chegava a apresentar sinais de debilidade mental.

Durvalina disse ainda que, no dia 11 passado, Flávio presenteara a sua filha mais velha, de 12 anos, com todas as jóias da mulher, "talvez já premeditando tudo".

Últimos telefonemas

A polícia não informa quem, mas uma pessoa falou no telefone com Doracy, ontem à noite. No seu último telefo-

nema, Doracy comentou que estava sem sono e que acabara de tomar seis comprimidos de Diampax. Disse que Flávio estava muito nervoso, naquela noite, atando de um lado para outro. A pessoa que a escutava perguntou se ela sabia onde estava o revólver do marido e se não seria bom escondê-lo. Doracy respondeu que sabia onde estava a arma e que não haveria necessidade de escondê-la.

Esta mesma pessoa informou à polícia, que Doracy estava mesmo disposta a abandonar o marido e que ele não concordava com a situação: além de ser cirrótico, gostava demais da esposa.

Um homem confuso

Aos amigos, Flávio Ferreira vinha demonstrando, ultimamente, estar vivendo dias de completa confusão mental. Na quinta-feira, ele listou para Salomão Borges, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais. Afirmando estar sendo ameaçado e precisando da ajuda dos companheiros. Salomão prontificou-se a ouvi-lo e marcou uma entrevista para o dia seguinte. Na sexta-feira, Flávio esteve na redação do ESTADO DE MINAS e deixou um bilhete para o jornalista Dídimo Paiva. Queria ser acompanhado à Secretaria de Segurança Pública, para pedir garantias de vida.

No mesmo dia, Dídimo Paiva, Salomão Borges e José Martins Arantes (diretor do Sindicato) foram à SSP e não encontraram o secretário. Flávio disse, ainda, que além das ameaças, o sogro pretendia tomar os seus três filhos. A mulher, para se ver livre dele, estava planejando um flagrante de adultério. Agora, os três jornalistas vão procurar novamente a Secretaria de Segurança Pública, especialmente para prestar estas declarações e facilitar o inquérito.

Flávio Ferreira da Silva tinha 41 anos. Trabalhou em jornais de Belo Horizonte, em revistas especializadas e corretores de publicidade. Ultimamente, prestava serviços no "Jornal dos Municípios" e viajava constantemente pelo interior. Doracy Araújo Ferreira nasceu em Várzea da Palma. Era filha de Almeri Araña e Geralda Aguiar Araña. Tinha 29 anos.

LOUCOS RASTEJAM COMO REPTAIS NO HOSPITAL COLONIA DE BARBACENA



Com uma série de quatro reportagens sobre o Hospital Colônia de Barbacena, publicadas no "Diário da Tarde", em abril de 1961, Flávio Ferreira docum entou pela primeira vez em 57 anos, as condições de vida dos loucos internados em Barbacena. E em o fotógrafo José Inácio, ganhou o Prêmio Esso

O companheiro Flávio Ferreira

Lincoln GONÇALVES

homem para encher suas páginas de grandes notícias, e o trouxe para os Associados.

No "DT", Flávio tornou-se melhor ainda. E, segundo os mesmos passos de Santayana, ganhou o Prêmio Esso, com uma reportagem sobre o interior do hospício de Barbacena, onde ficou internado — apenas para fazer a reportagem — durante vários dias. Com texto objetivo e suas boas fotos, ele mostrou que lá também era uma fábula do inferno, e fez

com que o governo tomasse sérias medidas para melhoria do manicomio. E era isso que ele queria: melhorar, pelo menos um pouco, a vida miserável daquelas pobres criaturas.

Em 1962 Flávio se transferia para o jornal "Clima Hora", sucursal de Belo Horizonte, onde veio fazer dupla comigo na cobertura policial. Só mesmo o vendo discutir com delegados, subinspetores, investigadores e até com os ladrões e assassi-

nos, é que se podia perceber a extensão do respeito e amor que sentia pelos seus semelhantes. Não aceitava injustiças e, um dia, diante de mim, um delegado apontou-lhe um revólver, fez algumas ameaças, mas ele não se intimidou.

A vontade de fazer o bem acabou por tirar Flávio do jornalismo e o levou à política. Disputou e ganhou a Prefeitura de Três Marias (hoje chamada Barreiro). Lutou como pára-quedista defensor pescadores e baraqueiros do São Francisco. Em 1964, perdeu o mandato.

De volta às redações, acabou fundando um jornal próprio (sonho de quase todo jornalista). Um pequeno jornal, de circulação um pouco irregular, chamado "Ação e Polícia", mas que acabou dando maior cobertura a coisas do interior do que mesmo aos acontecimentos policiais.

Há dois anos, quando a Prefeitura de Belo Horizonte autorizou o Demas a aumentar o preço da água em até 2.000 por cento, Flávio abraçou-se de corpo e alma à campanha do ESTADO DE MINAS contra a alta exorbitante e fundou a Associação dos Condomínios de Minas Gerais, que reuniu centenas de síndicos numa ação judicial, medida importantíssima dentro da vitoriosa campanha associada, já que ajudou muito na derrubada do aumento imposto à população pelo Demas.

Entre uma coisa e outra, a gente ouvia sempre de Flávio qualquer coisa sobre os passeios que fazia com os filhos nos fins-de-semana, sua alegria em vê-los divertir-se.

Agora, a brutalidade de uma notícia inacreditável vem trazer sofrimento a todos aqueles que conheciam de perto esse extraordinário colega. Notícias assim não deveriam nunca surpreender jornalistas, acostumados a reservar-las contra fatos rotineiros. No entanto, ontem pela manhã, a redação do ESTADO DE MINAS estava perplexa e tumultuada como uma família que recebe um choque.

Cornélio Franco, de olhos arregalados, tentava, confusamente, explicar a Ivan Falcão o que tinha acontecido a Flávio. Dava uma notícia que ninguém conseguia aceitar. E, até agora, não conseguimos acreditar que ela seja verdadeira. Porque o jornalista, como Flávio e era, faz da notícia um meio de promoção social, de defesa dos outros. Esquecendo-se, sempre, ou nunca imaginando, como nunca imaginamos, que nós também um dia poderemos vir a ser notícia.



Flávio, quando recebia o seu Esso



Brasília

Recurso foi enfiar faca no advogado

Veste-se mal, como um trapalhão, fala maluco, tem 72 anos, cabelos e barba grisalhos — e uma conta bancária de mais de 100 mil cruzeiros. Carrega uma velha pasta de couro com documentos, um crucifixo de madeira e uma Bíblia. O dia, à tarde, Brasília. Compõe Lamas — com orgulho ele fala de sua esposa conjugal e extra-conjugal, ao anunciar que teve 16 mulheres e ditou no mundo 45 filhos — anunciou outro objeto em sua surrada pasta: uma faca de cozinha, de cabo de madeira e lâmina afiada.

Veu para o centro, entrou numa casa de jogos, na avenida Afonso Pena, 221, chamou o advogado José Celso Costa (43 anos, casado) à cozinha e trocaram algumas palavras. Pálido, o velho enfiou a mão na pasta, tirou a faca e enfiou-a nas costas do advogado. E ficou esperando a chegada da polícia. Foi preso em flagrante e levado para a Delegacia de Homicídios, no quinto andar do Departamento de Investigações.

Passado para trás

Na ocorrência enviada à DH, o detetive Evandro Amaro dos Santos, diz que passou seu carro num sinal da Afonso Pena, na esquina com rua Caetés.

— Apareceu um rapaz, coberto, dizendo que haviam esfaqueado um homem na rua de jogos. Corri para lá e controlei o advogado estendido numa poça de sangue, na cozinha. Providencial sua reação para o Pronto Socorro e prendi o velho.

No seu depoimento ao escrivão Altair Siqueira, Brasília diz que estava sendo seguido pelo advogado, frequentador assíduo da casa de jogos na Afonso Pena:

— Eu o conhecia há uns dois anos. O homem passou a me assediá para que eu lhe emprestasse cinco mil cruzeiros. O senhor sabe, eu lava vendido uma fazenda, era veladares e tinha um dinheiro no banco. Emprestei o dinheiro e recebi uma cheque pré-datado como garantia. Ficou combinado que eu receberia uma gratificação depois.

— Vencido o prazo, o advogado não pagou e pediu mais cinco mil e deixou uma nota promissória. No vestibular seguinte, ao invés de pagar, ele pediu mais 16 mil, afirmando que precisava saldar um negócio no Forum e fazer um depósito bancário. 50 depois disso teria condições de pagar. Emprestei e fizeti uma declaração dele como garantia da dívida de 26 mil cruzeiros.

— E o homem passou a me enrolar. No escritório dele, na avenida Afonso Pena, eu fui 45 vezes. Olha aqui, anotei os horários em livro cadastrela. Na sua casa fui 26 vezes. O tempo, fiquei nervoso e enfiar a faca nele.

Na pasta de Brasília, além do crucifixo e da Bíblia, a polícia encontrou cinco cheques pré-datados e outros por pessoas diferentes, totalizando Cr\$ 16.200,00.

Dizendo-se amigo do casal de Pedro Ferreira, casado e bandido no Vale do Rio Doce e alcaide de buses de M. C. C. em Brasília, justificou:

— Não sou amigo, não senhor. Emprestei este dinheiro a pessoas que estavam ganhando e me procuraram. Ganhava um jurumilhões de dois por cento, como qualquer banco faz.

Anormal volta a atacar

O normal Geraldo Ramos dos Santos, que vinha sendo chamado de "bicho" no bairro Felício, voltou a agir noturnamente. Desta vez foi no Barreiro de Cima. Ele serviu uma garrafa de três anos e queria atacar a sua própria mãe. Depois de preso pelos policiais da Delegacia de Cosmópolis, foi levado ao Hospital de Polícia de Raul Soares. A polícia não conseguiu informar-se com o médico ou ganhar uma laudo hospitalar. A menor que foi enviada para um hospital, nos presídios do Hospital Júlia Kluge, em G. D. L., de três meses, e mora no Barreiro de Cima. Foi salva por alguns parapolíticos.